

O brincar e a realidade de Shakespeare¹ Michele Melo Reghelin²

“Foi através do play que conquistei o rei.”
Outeiral, J. O.

Esse foi o enigma deixado por José Outeiral para que eu pudesse decifrar. Infelizmente, nunca saberei o que ele queria dizer, apenas me arrisco a desvendá-lo ao propor uma reflexão sobre o “brincar de Shakespeare”.

Freud (1930) lembra que uma biografia não pode explicar o dom que torna alguém artista, nem contribui para a compreensão do valor e das consequências de sua obra. Entretanto, aproxima o leitor do artista e ambos se identificam na condição de humano. Deste modo, dentre versos, sonhos e imaginação, busco compreender a obra de Shakespeare como manifestação de vida.

É possível que cometa algum equívoco ao relatar dados sobre a história desse brilhante escritor, já que existem divergências entre biógrafos e críticos. Mas não pretendo saber dele mais do que ele mesmo. Sou apenas uma mera apreciadora de seus trabalhos, desde a minha infância, quando assisti a sua obra transformada em filme: *Romeu e Julieta*. No entanto, é Hamlet que vai me convidar a pensar sobre quem eu sou e, portanto, sobre identidade.

“*Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
Em nosso espírito sofrer pedras e setas
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
Ou insurgir-nos contra um mar de provações
E em luta pôr-lhes fim? Morrer, dormir: não mais.*”
Shakespeare
(Hamlet, Ato III, Cena I)

Uma das mais memoráveis frases ditas na História perpassou gerações com a eterna indagação: o que é “ser”? “... Feito de palavras e pelas palavras” (Bloom, 2000, p.41), Hamlet é considerada uma das mais importantes obras da vida de seu autor, posto que conseguiu marcar épocas ao questionar o preço que se paga para “poder ser”. É com *Hamlet* que Shakespeare vai falar conosco, diz Frye (1992), já que ele se encontra em cada um de nós.

¹ Reghelin, M. M. (2014). O brincar e a realidade de Shakespeare. *Rabisco Revista de Psicanálise - O brincar e a realidade*. Porto Alegre: Seminários Winnicott, 4 (1), p. 35-40.

A poesia de Shakespeare atravessou séculos sem que morresse ou se tornasse inócua. Ao contrário, inspirou outros a desenvolverem teorias e pensamentos acerca dos personagens ali desenhados. Não é à toa que Freud se remeteu a Shakespeare mais de cinquenta vezes em sua obra, ao falar sobre atos falhos, lapsos, patologias, enfim... Winnicott (1964) também citou Shakespeare quando escreveu *A juventude não dormirá*. Ele abordou o tema adolescência e tempo, utilizando-se de passagens de *Conto de inverno* e *Medida por Medida*. Além disso, foi audacioso, e – por que não? – verdadeiro, ao dizer que Polônio (de *Hamlet*) era muito “chato” (2011/1964, p.54).

Para Frye (1992), é um mistério alguém poder se comunicar com eras e culturas tão distantes das suas, com sociedades e percepções diferentes. Mas, como disse o amigo de Shakespeare, Ben Johnson, no prefácio do primeiro Fólio das peças do autor: “Ele não era de uma época, mas de todos os tempos” (Frye, 1992; Freud, 1930). E, de fato, não era, afinal, sua arte ecoa no infinito. Pergunta Mourthé (2007): poderia então Shakespeare ser considerado um mito? Traz consigo a realidade ou não?

“Shakespeare tinha a chave para o problema *ser ou não ser*, mas Hamlet não podia assistir à peça de Shakespeare”, refere Winnicott (1975b, p.119). Assim como fez com Hamlet, Shakespeare nos liberta quando conhecemos a verdade (Bloom, 2000). Logo, o que podemos herdar ao estudá-lo é o fato de ele nos fazer mais conscientes de nossas próprias crenças, de modo a não permitir que, por conta disso, elas possam nos limitar (Frye, 1992).

Shakespeare deu vida às nossas mentes quando nos apresentou à verdade, o que fez com que nos tornássemos conscientes para nos vermos em seus personagens. Desse modo atribuiu-nos o dever de refletir sobre quem somos e o que desejamos, já que, para conhecer a realidade, tivemos que aprender a pensar. Ele conseguiu se ligar aos aspectos internos de cada um, fazendo ressonar a dúvida e a verdade, deixando essa contribuição para a civilização. Essa procura (não proposital) e o encontro com o objeto constituem um ato criativo.

Conforme Bloom (2000), Shakespeare inventou o humano ao inventar a forma mais coerente de representação de personagem e personalidade, e tal invenção é responsável por influir na formação do caráter, tanto quanto as escrituras sagradas e orientais, o que demonstra a grandeza de sua obra. Ao escrever peças, sonetos, romances e tragédias que nos tocam e sensibilizam a alma, Will – como era chamado por seu pai – deu vida aos personagens que conseguiram representar nossa condição humana: bons, maus, alegres, tristes, insanos, invejosos, ciumentos, cruéis, amáveis, sofridos... Suas peças tinham a proeza de ler o leitor (Bloom, 2000). Seus personagens não se revelam; ao contrário, desenvolvem-se ao escutar a

própria voz e transformam-se, num caminho de individuação. Criador também de palavras, encontrou diversas maneiras de representar a mudança do ser humano ao “desmanchar e remodelar a representação do *ser*, através da linguagem e na linguagem” (Bloom, 2000, p.875).

Espaço de encontros, diversão e até mesmo palco de questões políticas (ainda que não fosse o objetivo), o teatro era (é) o lugar para encenar e atuar o que se sente, pensa e o que se encontra escondido, podendo ser um modo de elaboração também. Mesmo trabalhando com personagens do passado, era possível explorar o presente, e, sem saber, estava-se plantando o futuro. Não há como sair do teatro da mesma maneira como se entrou, o que de acordo com Coelho (2007), também acontece no processo de análise.

Seria essa a análise desse célebre artista? Certamente era a sua mais sublime manifestação de vida: “poder ser”. Sua originalidade teve origem na experiência, no teatro, no brincar, afinal, só se consegue escrever a partir de alguma coisa que já foi vivenciada (Frye, 1992). Shakespeare não tentava fazer as coisas; ele as fazia, de modo que, quando o teatro surgiu em sua vida, ele apenas o aceitou. Dali por diante, fez uso de sua criatividade e de seus personagens, brincando, mas só conseguia fazer isso porque podia ser. Nas palavras de Winnicott (1975): “Após ser, fazer e deixar-se fazer. Mas *ser* antes de tudo” (p.120).

É possível pensar que Shakespeare tenha descoberto o seu eu (*self*) quando mostrou sua criatividade no livre brincar com os seus personagens, ao mesmo tempo conversando com a realidade, significando, assim, o que é estar vivo (Winnicott, 1975a, p.100). É com a criatividade, a manutenção da vida que é possível criar o mundo. “A criatividade é inerente ao brincar, e talvez não seja encontrável em nenhuma outra parte”, recorda Winnicott (2011/1970, p.51). Portanto, o verdadeiro brincar (*play*) é a expressão da liberdade e do viver criativo, diferentemente do aparente brincar, que é uma defesa maníaca, propõe Mello Filho (2011). Igualmente, a capacidade de estar livre o bastante para brincar significa ter a capacidade para espontaneidade. Dessa forma, *A Megera Domada*, *Ricardo III*, *Otelo*, *Coriolano*, enfim, são o retrato de Shakespeare.

Escritor, ator, artista, dramaturgo, pai, esposo, filho, amigo... Shakespeare brincou com os nossos sonhos e fantasias quando transpôs sua poesia para o teatro, deixando nascerem personagens livres de predeterminações, que expressaram as angústias do ser humano e deram cor às emoções. Ao se entregar para o incerto, Shakespeare descobriu a arte de criar a ilusão entre o público e o personagem, num espaço potencial – o palco. Nas mãos

do poeta, ganhamos vida para além da imaginação. Na obra de Shakespeare, podemos ser qualquer um...

“E, sofrendo, isto: sê fiel a ti mesmo. Jamais serás falso para ninguém...”
(Polônio para Laertes, Ato I, Cena III, Hamlet p.23).

Como não amar Shakespeare?

William Shakespeare nasceu em Stratford upon Avon Warwickshire, perto de Coventry e Birmingham, a duas horas de Londres, no dia 23 de abril, supostamente, de 1564, sendo batizado em 26 de abril, há, mais ou menos, cinco séculos (Bloom, 2000). Filho de comerciantes, estudou até os 14 anos, momento em que seu pai não pode mais financiar os seus estudos. Foi, então, professor de Latim, entre outras profissões. Aos 18 anos, casou com Anne Hathaway, oito anos mais velha, com quem teve uma filha e um casal de gêmeos, sendo que um destes, Hamnet, veio a falecer – não se sabe a causa (Mourthé, 2007).

Nesse ínterim, chegou a Londres para seguir a profissão do pai e acabou descobrindo-se ator. Ao caminhar pelas ruas da cidade, teve contato com diversas pessoas e classes sociais, conhecendo uma linguagem diferente, o que possivelmente o tenha motivado a escrever um singular vocabulário, talvez único. Teria dito: “Decidi naquele momento capturar a música da cidade nas palavras das minhas peças” (Berk, 2010, p.8).

Homem sereno, não se envolvia em confusões e preferia escrever, à noite. Apesar de morar distante de sua esposa, ficou casado durante 34 anos, até a morte dela.

Durante a sua vida, produzia em torno de duas peças por ano (Frye, 1992), sendo que não lhe importava assiná-las – por isso, o motivo de tantos questionamentos. Em apenas dez anos (1592 a 1602), escreveu 27 peças tornando-se, de acordo com Bloom (2000), o primeiro autor universal e sendo o mais importante autor em língua inglesa. Sua obra é encenada até hoje, nos mais diversos idiomas.

Morreu em 23 de abril de 1616, mesmo dia de seu nascimento.

Shakespeare conquistou a rainha, Elisabeth I. E a plebe, a aristocracia, a nobreza, a Outeiral e a mim... Com o seu “*play*”, ele mostrou que é possível brincar com as palavras, com as emoções e pensamentos, podendo assim, fazer-nos ver o mundo com novos olhos, sempre. Shakespeare era sensível; foi além da sua vida.

REFERÊNCIAS

- Berk, A. McDermott, K. (2010?). *A vida e a época de William Shakespeare: um relato deste cavalheiro e poeta, em suas próprias palavras*. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora.
- Bloom, H. (2000). *Shakespeare: a invenção do humano*. RJ: Editora Objetiva LTDA.
- Coelho, M. T. A. D. (2007). Hamlet e o problema da verdade. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, 23 (4), pp.467-472.
- Freud, S. (1996). Discurso pronunciado na casa de Goethe em Frankurt. Em J. Salomão (Dir. e Trad.). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 21, pp.213-217). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).
- Frye, N. (1992). *Sobre Shakespeare: criação e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Mello Filho, J. (2011). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mourthé, C. (1932). *Shakespeare*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- Shakespeare, W. (1564-1616). *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- Winnicott, D.W. (1975a). O brincar: uma exposição teórica. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade* (pp. 59-77). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Obra original publicada em 1975a).
- Winnicott, D.W. (1975b). A criatividade e suas origens. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade* (pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. (Obra original publicada em 1975b).
- Winnicott, D.W. (1999). A juventude não dormirá. (p.177-179). In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1964).
- Winnicott, D. W. (2011). O conceito de falso *self*. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1964).
- Winnicott, D. W. (2011). Vivendo de modo criativo. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1970).